



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FRANCISCO FLÁVIO ARRAIS GOMES

(entrevista)

Campos Sales, CE

2023

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiárido

Número da entrevista: E-711

Nome do/a entrevistado/a: Francisco Flávio Arrais Gomes

Local da entrevista: Campos Sales/CE

Entrevistador: George Almeida Lima

Data da entrevista: 13/06/2023

Transcrição: George Almeida Lima

Copidesque: George Almeida Lima e Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: George Almeida Lima e Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 45 minutos e 43 segundos

Páginas Digitadas: 15

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: GOMES, Francisco Flávio Arrais. Entrevista concedida por Francisco Flávio Arrais Gomes ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: George Almeida Lima. UNIVASF, UFRGS, Campos Sales (CE), 13 jun. 2023, 18 p.

SUMÁRIO

Infância; Formação no karatê; Desenvolvimento do karatê na região; Aspectos socioculturais do karatê na região; Vivência nas artes marciais.

Campos Sales (CE), 13 de junho de 2023. Entrevista com Francisco Flávio Arrais Gomes (F.G) a cargo do/a pesquisador/a George Almeida Lima (G.L) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

G.L. – Estamos aqui com Flávio, um dos pioneiros a participar do karatê em Campos Sales. Agradecemos sua disponibilidade em apresentar essa história.

F.G. – Sou Francisco Flávio Arrais Gomes. Estou em Campos Sales desde Julho de 2022. Residi 20 anos em São Paulo e retornei à terra de origem para rever a família e descansar um pouco.

G.L. – Qual seu envolvimento com o esporte? As primeiras atividades que praticou e as influências que teve.

F.G. – A arte marcial, para mim foi um divisor de água. A primeira vez que eu quis praticar foi o judô, mas quando fui me inscrever, o professor me fez um desafio na brincadeira e eu levei a sério. O professor disse que eu teria que lutar contra ele pra poder praticar o judô. E aí, foi minha primeira tentativa de entrar nas artes marciais. Em meados dos anos 1980, o soldado, já falecido, J. Augusto¹, ele era praticante de taekwondo e Karatê e resolveu abrir uma academia de karatê em Campos Sales. Ele já residia no município, onde trabalhava como policial e constituiu família aqui. Mas ele é natural de Fortaleza. E aqui, além da atividade militar, ele dava aulas de karatê.

G.L. – Você pode falar um pouco mais sobre sua primeira tentativa de inserção ao judô.

F.G. – Na época tinha um patrocínio que não sei se era a nível estadual ou municipal, mas possibilitava que professores ministrassem diversas atividades no município. No centro comunitário de Campos Sales, vinham professores de outras localidades ensinar modalidades esportivas, como judô, voleibol, basquete. Antes era só futebol, mas depois do projeto, teve essas modalidades. A participação no judô foi frustrante, não entrei

¹ João Augusto de Lima.

porque acho que o professor não tinha uma psicologia muito boa, e eu sempre fui uma criança/adolescente amedrontado e inseguro. Todavia, a minha inserção nas artes marciais, favoreceu o desenvolvimento do meu autoconhecimento, a exploração do potencial e a autossuperação, superar suas próprias dificuldades.

G.L. – Como você conheceu e o que te influenciou a entrar no karatê, já que você teve esse primeiro insucesso no judô?

F.G. – Na época a gente tinha amigos que moravam na mesma rua, o Fabiano², o maninho³, o Fábio. Então eles falaram “o J. Augusto está abrindo uma academia, aí eles falaram que iriam se matricular e eu me interessei e aí foi quando iniciei. Foi um aprendizado.

G.L. – Você tem ideia em que época foi?

F.G. – Final dos anos 1980. 1986, 1987...

G.L. – O que te influenciou a permanecer no karatê?

F.G. – Foi a questão do autoconhecimento. Isso foi o que fez eu continuar. E também o aspecto da saúde e da segurança psicológica e emocional. Lembro que eu brigava muito na escola, as vezes alguma briga de rua na época que não praticava. Porém, quando você pratica e adquire autoconhecimento e autocontrole emocional, você não precisa... às vezes você entra em uma briga por insegurança, quando você é capaz de arcar com aquelas circunstâncias, você não provoca ela. Se ela acontecer, você saberá como arcar. Então é tipo assim, você tem que aprender a lutar para não lutar.

G.L. – Quando o J. Augusto trouxe o karatê para Campos Sales, qual o estilo?

F.G. – Na época era um estilo pouco conhecido, e por conta desse pouco conhecimento, as pessoas pensavam que aquilo nem existia. Mas na verdade ele existe, embora não

² Nome sujeito a confirmação.

seja como aquele estilo tradicional que posteriormente praticamos também. Na época era shotokan⁴ e posteriormente, como o Joaquim⁵ estava no movimento, também foi um dos primeiros...

G.L. – Joaquim foi outro professor?

F.G. – Na época ele treinava o shotokan

G.L. – Aí o Joaquim começou depois do J. Augusto?

F.G. – O Joaquim era praticante, ele já praticava. Quando ele conheceu J. Augusto, ele já praticava. O Joaquim dava aula no centro comunitário⁶ e o J. Augusto abriu uma academia perto do açougue municipal.

G.L. – Na mesma época?

F.G. – Praticamente no mesmo período.

G.L. – Mas assim, o pioneiro foi J. Augusto?

F.G. – O Pioneiro foi J. Augusto. Depois o Joaquim se associou com o J. Augusto e eles alugaram um outro prédio e os dois ficaram juntos no mesmo prédio em horários diferentes e cada um com seus alunos, dentro de suas modalidades. Nesse advento aí, nessa união aí, eles se interessaram em trazer o presidente da federação, Luiz Carlos⁷, e ele veio aqui e propôs a legalização do Karatê. Aí todo mundo passou para o shotokan. Aí foi todo mundo aprender os katas⁸ do shotokan, que não era muito diferente do outro estilo, e aí ficamos legalizados na federação.

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Um dos estilos do Karatê.

⁵ Francisco Flávio Arrais Gomes.

⁶ Espaço da prefeitura de Campos Sales.

⁷ Luiz Carlos Cardoso do Nascimento.

⁸ Sequências de movimentos.

G.L. – Quando foi essa legalização?

F.G. – Essa legalização foi mais ou menos aí por meados dos anos 1990.

G.L. – Aí, Flávio, qual a graduação de J. Augusto?

F.G. – Na época que iniciou o Karatê era faixa roxa, depois graduou-se para marrom. O Joaquim era faixa laranja, graduou-se pra roxa. Depois o J. Augusto fez para a preta, o Joaquim também, ambos se tornaram faixa preta. E nesse período eu fiz para a marrom.

G.L. – Na época havia muitos praticantes?

F.G. – Existia. Ainda hoje tem remanescentes, tem gente que ainda hoje me encontra e relembra daquele período. Muita gente se interessou. Inclusive ontem eu estava conversando com um rapaz que ele comentou “rapaz, não é mais como antigamente, as pessoas tinham um fervor, um interesse, era uma coisa empolgante. Hoje as pessoas praticam, ne, aqui como, sem aquele... Ele disse, não sei nem mais se tem karatê aqui”. Eu disse que tinha karatê na AABB⁹, e acho que tem um rapaz que ensina muay thai em uma academia, e eu nem sei onde ele está, porque já se mudou de academia, e capoeira eu não sei... A capoeira foi uma arte que eu apreciei bastante pela questão da não violência e da não disputa, porque as artes orientais, todas tem por princípio a competição, vencer, vencer o adversário. A capoeira tem todos os movimentos que têm nas artes de trocação, como kung fu, karatê, hapkido, taekwondo. Mas ela não tem esse princípio da competição. É uma luta de cooperação. Então ambos os lutadores, o adversário são eles mesmos, eles tentam se superar, então acho isso muito bacana. Mas pelo fato de não ter tocação, nem por isso ela não deve ser vista como uma arte menos letal. Haja vista que no MMA¹⁰, adeptos da capoeira mostram grande desenvoltura, vencendo lutas e mostrando, além da eficácia, um jogo bonito de assistir. Uma arte com eficiência mesmo. Muita gente subestima a capoeira, que não visa o nocaute, a competição, mas os golpes são tão eficazes quanto as outras artes.

⁹ Associação Atlética do Banco do Brasil, espaço de lazer em Campos Sales/CE.

¹⁰ Mixed Marcial Arts.

G.L. – Flávio, você tem uma base de quantos alunos tinham na época?

F.G. – Cara, eram duas turmas, e tinha um pessoal que entrava e saía. Mas eu acho que tinha uma média de 50 a 60 adeptos. Hoje temos apenas 18 alunos matriculados.

G.L. – Na época tinha muitos grupos de karatê?

F.G. – Só tinha esses 2. Tinha um rapaz também, que era radialista, Francisco¹¹, que não mora mais na cidade. Foi aluno de Joaquim e de J. Augusto, e ele passou a ministrar aulas também, e criou uma turma grande também.

G.L. - Em qual época mais ou menos?

F.G. - Mais ou menos nesse mesmo período da abertura das duas academias. E ele dava essas aulas a um pessoal. E quando tinha exame, juntava os três. Teve um professor que se graduou também, era laranja, o Antônio¹², passou pra verde. Depois foi embora.

G.L. – Flávio, os grupos se ajudavam?

F.G. – Existia uma rivalidade com alunos de um e de outro, mas eu achava que o Karatê faltou aqui uma visão mais filosófica da arte. A arte ficou um pouco marginalizada por falta desse suporte psicológico, né. Os professores da época não tinham. Tinham o conhecimento técnico, mas essa questão mental de você explicar para o aluno a finalidade da arte, que é o autodesenvolvimento, e ele ter autocontrole. E a gente tava assim, num ambiente social, de curtidão depois de treinar, o professor criava confusão e colocava os alunos... Não estou dizendo o J. Augusto. Foi um cara altamente sério, centrado, de responsabilidade. Porém, ele trouxe um adepto, um cara mais graduado, o Batista¹³.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

G.L. – Batista veio de fora ou era daqui?

F.G. – Ele veio de Fortaleza. Era cunhado do J. Augusto. Ele veio para fazer um exame de faixa e acabou ficando aqui um período. Era uma pessoa que tinha problemas com álcool e ficava muito alterado e... Ele bateu em um rapaz praticamente indefeso, o cara tava lá discutindo ele deu um chute na cabeça e o cara desmaiou, passou 3 horas inconsciente no hospital. Uma vítima indefesa, um professor, faixa preta, tá numa bebedeira... Se está em uma festa e tem duas pessoas brigando, o cara vai lá se meter na confusão. Não pra apartar, mas pra, né... Tentar intimidar os dois, como se fosse uma autoridade. Então assim, o Karatê, no aspecto técnico, não deixou a desejar em relação a outras academias que tive por fora, em São Paulo... Não vejo diferença em relação ao nível técnico. Mas essa questão do ensino filosófico da arte, de promover o autoconhecimento, deixou a desejar. A aí, a arte marcial ficou um pouco marginalizada.

G.L. – Você acha que quais foram os principais motivos para o karatê ser marginalizado?

F.G. – Brigas de rua

G.L. – Mas assim, entre os grupos ou com os grupos contra pessoas da rua?

F.G. – Era assim, pessoas que não tinham o preparo psicológico... Assim, quando você tá aprendendo a andar de bicicleta, dirigir... você fica naquele impulso de dirigir, sem dominar e quer sair por aí dirigindo atoa, capaz de se acidentar. E o cara que tá aprendendo não tem o conhecimento ainda. Você tem seus extintos naturais e você vai aprender o conhecimento, mas você não domina aquilo. Até virar uma segunda natureza... porque é a repetição, né?! É a repetição que faz com que numa luta você haja sem pensar e seus extintos têm que estar treinados e adaptados para dar a resposta certa a determinada situação.

G.L. – Como eram os treinos?

F.G. – Os treinos iniciavam com o aquecimento, aí tinha a parte de treinar o kihon¹⁴, o frente a frente, depois fazer o kata em grupo, depois kata individual e por fim o kumitê¹⁵, que é a luta. Aí nessa hora que treinava realmente... aumentava o nível técnico da pessoa. É como aprender a nadar, por mais que você simule fora d'água, você só aprende quando entra na água. Então tem que ter a luta mesmo.

G.L. – Pela tua vivência, você acha que os treinos mudaram?

F.G. – Acho que hoje as pessoas estão mais conscientes, eles já estão adquirindo equipamento, que é necessário. Na época era no osso mesmo, não usava luta, capacete, protetor de canela. Acabava que isso gerava muita contusão. Com equipamento tem como ser também mais realístico. Você pode bater sabendo que não é osso com osso. Então acho que os treinos ficaram menos violentos. Dá mais proteção para você dar o seu máximo.

G.L. – Você acha que essa é a maior diferença?

F.G. – Hoje, com o advento do MMA, o Karatê se tornou um esporte olímpico e muita prioridade em relação ao kumitê. Embora o kata seja parte da tradição, mas eu pessoalmente, acho algo totalmente desnecessário é um acessório que demanda tempo e não te prepara para uma situação real de combate, esse foi um dos motivos que eu saí do karatê.

G.L. – E você treinou quais outras artes marciais?

F.G. – Da época em São Paulo, eu treinei um pouco de muay thai, conheci também o *full contact*, que é tipo um karate de contato, é aquele que você coloca o capacete, luva, protetor de canela e aí você pode ter um contato maior entre os adversários. Porque no karatê tradicional, a parte do rosto não pode ser tocada de maneira direta, só simulado. Eu acho que isso vai te condicionando... Você está descondicionado a aparar o golpe, se você acerta o rosto do cara com um soco, no kumitê... No karatê tradicional, shidokan,

¹⁴ Treino de técnicas básicas.

shydo ryu e shotokan, Você pode ser desclassificado, ou tirado algum ponto seu. Porque é uma luta de semi contato, você pode tocar na altura do tórax. Da cintura para baixo já não pode bater, então é o esporte, o cara tem um esporte e se tornou muito comercial e acho que é assim, ele mantém essas coisas de kata, eu acho que isso não acrescenta nada em termos de evolução em combate propriamente dito, mas eles mantêm porque é uma forma de segurar e entreter o aluno, porque é comercial. Quando eu fui treinar taekwondo lá na academia de um mestre em São Paulo, nos anos 1990, eu fiquei impressionado assim com um prédio enorme, pensei que ia ver coisas diferentes, mas não vi nada diferente do que eu vi aqui absolutamente nada, treinando com grão mestre sétimo dan. tá nem aí para você, ele está lá, mas está preocupado é com quantos alunos têm...

G.L. – Aí você fez muay thai e taekwondo?

F.G. – É assim eu fiz só por praticar mesmo, não cheguei a me graduar entrei só para conhecer a essência, não vivenciei essas práticas a nível profissional, porque é o seguinte irmão, a gente tem que conciliar trabalho, treino... E isso demanda tempo, desgasta e tudo... então assim, ao longo do tempo eu percebi que esse não era o meu caminho também de querer profissionalizar nada, então a arte para mim se limita Isso mesmo o autocontrole, autoconhecimento, saúde também, a saúde física...

G.L. – Mas você já participou de competições de karatê?

F.G. – Já, eu já arbitrei aqui em Campos Sales, mas não cheguei a me interessar por esse aspecto. eu estava lá a nível de querer aprender, então eu assim... pra você competir, você paga pra competir, então eu pensei assim se você vai competir, você tem que receber para competir ponto final então assim, não me interessei por esse aspecto.

G.L. – Mas aqui em Campos Sales você participou de competições?

¹⁵ Combate entre dois oponentes.

F.G. – Assim, eu tive algumas lutas aí, mas não assim em nível de competição. Teve um professor chamado Carlos¹⁶, que me convidou para um evento lá em Fortaleza. eu me preparei, mas aconteceu um episódio aqui, uma treta de rua que inviabilizou isso aí. Também foi uma experiência que a gente adquire na vida. E a partir daí a gente parte para reflexões de saber que não é vantagem você bater em uma pessoa que não saiba se defender.

G.L. – As competições aconteciam fora da academia, entre os alunos?

F.G. – Tem os eventos da academia mesmo, tio Robério¹⁷, que dava aula no Ibiapina¹⁸ e ele fez uma competição entre os alunos da academia dele e do Joaquim e ele perguntou se eu não poderia dar uma força lá, arbitrar lá. Aí eu fui dar um apoio lá para ele.

G.L. – Qual era a sua graduação máxima no karatê?

F.G. – Faixa marrom, que é anterior a preta. Eu até fui procurado para marcar o exame [para a faixa preta], mas foi nesse período que eu viajei para São Paulo, e aí eu comecei a questionar o estilo, eu acho que para mim continuar nesse estilo, eu tenho que representar ele como ele é na essência, dominar os katas, dominar o kihon. E se eu não concordo, se eu acho que aquilo é desnecessário, eu não estou sendo coerente, então eu cancelei. Agora eu vou treinar por treinar, vou treinar um estilo livre. Eu digo assim, você aprendeu o estilo, aquilo é um conhecimento é como você pegar uma canoa para atravessar um rio, quando você atravessa o rio você não vai carregar a canoa nas costas, você atravessou com aquele conhecimento, você adquiriu esse conhecimento, mas não fica preso a ele. Então assim, o que é essencial do karatê eu absorvi, e é o que eu treino ponto final então a pouco o que aprender, porém muito que aperfeiçoar.

G.L. – E isso te fez buscar essas outras marciais?

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Colégio privado de Campos Sales.

F.G. – Isso. Eu vivenciei o taekwondo e percebi que a principal diferença é que nele você usa mais as pernas do que as mãos, mas a essência é a mesma coisa. No karatê *full contact* eu vi mais realismo. O Karatê *full contact* usa protetores, luva e tal. E vivenciei também o Muay Thai, por ser mais completo, uma trocação mais completa, e que usa todo o corpo, usa punhos, e pernas, joelhos, cotovelo. Então assim é uma luta que não faz rodeios, é bem objetiva.

G.L. – Havia alguma rivalidade entre os grupos de karatê?

F.G. – Havia assim, uma rivalidade positiva, os grupos se respeitavam então assim na época, era como se fosse uma confraternização. O pessoal tinha um respeito. Não é porque ficou meio...devido a essas.... essa repercussão de algumas confusões que houve... A partir de agora, você quer treinar, vem pra academia, treinar isolado. Não fica em praça alongando, fazendo gestos, porque não pega bem. Foi assim... Foi depois de acontecidos alguns incidentes que se percebeu essa questão que os alunos não estavam tendo um direcionamento bacana fora da academia.

G.L. – E assim, quais eram esses incidentes?

F.G. – Era assim... Briga de rua... Quando os praticantes de karatê tinham alguma desavença, eles resolviam dentro da academia, dentro das regras e tal. E aí cada um depois sabia se respeitar. O pior era quando havia essas tretas com pessoas que não eram do segmento. Quer dizer, se o aluno se dá mal, fica feio. “O cara apanhou”. Se o cara bate, aí iam dizer, “o cara tem a arte, bateu no cara [que não pratica]”. Então de qualquer jeito queimava o filme. Então assim, o autoconhecimento te dá assim, a condição de você agir em legítima defesa, sem nunca tomar a iniciativa. Se você manter a distância de segurança, que é a distância de um braço, para o outro te atingir tem que passar essa distância. Se ele avançar isso aí, você está atento. Mas assim, não pode ultrapassar essa segurança, porque ultrapassou, aí você tem que recuar ou agir. Mas a legítima defesa permite que você veja uma pessoa que não vai fazer mal uso da arte. Só em última hipótese, se preciso for, você vai se defender.

G.L. – Flávio, você acha que a mídia influenciou o karatê? Quais os impactos que ela vai trazer para o desenvolvimento do karatê?

F.G. – Então, é um meio de divulgação, através dessas mídias é que as pessoas tomam conhecimento e de repente se interessa em buscar aprender, se envolver. O importante é isso, a pessoa procurar treinar arte marcial, mas veja com quem você vai aprender esse conhecimento. Porque às vezes assim tem a situação de professor machucando alunos, pessoas desqualificadas. O aluno está lá para aprender, o professor vai lá e faz do aluno como se fosse um instrumento para que ele possa se auto afirmar.

G.L. – E isso acontecia na época aqui em Campos Sales?

F.G. – Não aqui não, mas eu já vi essa situação, aqui em Campos Sales não. Em outras academias, Professor querer se auto afirmar batendo num aluno para os outros verem, ele não quer o respeito, ele quer intimidar quando ele se liga o aluno, ele não desenvolve o que é mais importante, que é autoconfiança, o respeito é a base de tudo ponto final a base da relação dentro de uma academia é o respeito pelo superior e por todos aqueles que estão iniciando. em vez de você abusar, explorar as fragilidades desse aluno, você ajudar, mostrar e incentivar os alunos.

G.L. – Flávio, você acha que o karatê é mais valorizado hoje ou naquela época?

F.G. – Em Campos Sales eu diria que na época lá, apesar de todos os pesares, era mais valorizado. A gente fazia eventos, academia ponto final a gente faz exame, as famílias iam assistir. Hoje, se acontece alguma coisa aqui ninguém fica sabendo. Antes, a gente fazia o exame de faixa, demonstração, qualquer coisa e o pessoal comentava e apareciam várias pessoas, os familiares dos próprios alunos... era uma coisa bem cerimonial...

G.L. – Era mais tradicional?

F.G. – Sim, as pessoas iam assistir e não ficavam com comentários, ficavam atentos a tudo o que estava acontecendo. Hoje, eu sei que tem vários estilos na cidade, mas não sei quem é quem, quem tá se destacando...

G.L. – Flávio, o que você acha que poderia ser feito para que o karatê fosse mais valorizado?

F.G. – Se eles pudessem divulgar mesmo, fizessem algum evento, procurar algum patrocínio em um órgão, possibilitar também que pessoas que não tem condições de pagar possam treinar. Na época da gente lá, quando a gente via que a pessoa tinha uma boa vontade, tava lá querendo aprender, a gente passava o conhecimento sem fins lucrativos.

G.L. – Na época que você praticava karatê, quantos anos ficou ativo?

F.G. – 10 anos, foi minha base né. Os outros estilos foi assim para me conhecer, mas a minha base mesmo vem do karatê.

G.L. – Aí depois do karatê você conheceu os outros estilos e continuou treinando?

F.G. – Cara assim, como eu te falei, conheci esses outros estilos, pratiquei com o pessoal na época do *full contact* foi com o mestre Luiz Alvarenga¹⁹, era tricampeão sul-americano.

G.L. – A arte marcial já faz parte de sua vida há quanto tempo?

F.G. – Praticamente metade da minha vida, 20 e poucos anos, faz parte da rotina. Por conta do trabalho em São Paulo, que demanda muito tempo da gente, muita energia, fui obrigado a diminuir a intensidade dos treinos. Final agora que eu estou retornando aqui [em Campos Sales], tô com um pouco tempo de sobra, estou retomando as atividades,

¹⁹ Luiz Augusto Alvarenga.

às vezes eu dou uma aula para o Yang²⁰, quando ele tem tempo, disponibilidade. O Valmario²¹ já veio aqui, eu puxei um treinozinho para ele. Mas assim, já me propuseram dar aula em academia aqui, mas eu não quis, não estou mais nessa *vibe*, de dar aula e tudo... Para treinar um amigo uma vez ou outra, é um prazer, a gente marca, descompromissadamente...

G.L. – Flávio, você gostaria de registrar algo mais, algum fato que te marcou bastante na época?

F.G. – Rapaz, foram muitas coisas né rapaz. Me colocaram em algumas situações, por isso que eu me afastei assim, de querer dar aula, porque as pessoas ficam com uma cobrança em cima de você e às vezes você não está interessado nesse tipo de coisa, de desafio e tal. Me arrumaram aqui uma sinuca de bico, uma emboscada. Me levaram para um local... Tinha um circo armado com um lutador profissional de circo, o lutador que tá enfrentando todo mundo na cidade, puxa caminhão pelo cabelo, segura moto com os dentes, com uma corda, um cara animal mesmo, né?! Disseram “Tem um cara lá em Campos Sales que eu vou trazer para enfrentar esse cara aqui”. Um cara vem, me chama aqui para uma festa, dizendo que tinha uma festa lá, e eu vou acreditando nesse cara, nessa festa, nesse local. Aí chega lá em um bar, antes de ir para esse evento, aí o cara disse “Ei, tu trouxe o lutador, é esse cara aí”? Aí eu ouvi isso aí, aí eu falei para esse rapaz, você me trouxe aqui para lutar? você não falou nada bicho... não me preparei e tal você tá querendo... Não ..., tu é doido, é os caras brincando. Aí chega lá, na apresentação do lutador, Júlio César²²... Aí o cara começa a desafiar todo mundo, fazer demonstrações, o cara é meio animal ele, fora do sério. Descasca coco com os dentes. Dá medo, bicho. Descascou o coco com os dentes. Aí chamou um cara para quebrar o coco na cabeça dele, abriu as bandas do coco na cabeça dele, aí ficou chamando todo mundo lá, aí o cara que me convidou fica olhando para mim, olhou assim para mim pensando “gelou não vai ter coragem”, aí eu pensei a gente tá na chuva é para se molhar, tá chamando eu vou, fui sozinho. Aí ele mandou eu atacar ele, eu tirei o chute, ele deu risada e mandou bater mais forte. Eu tirei outro, ele disse bata mais forte... Aí

²⁰ Filho de Flávio.

²¹ Valmário Henrique de Brito Sabino, ex-colega de academia.

²² Nome sujeito à confirmação.

nessa hora meu, eu dei uma giratória nele que bateu na nuca dele, ele tentou defender, mas foi com força, que ele cai com defesa e tudo, não botou fé na hora. Aí ele se levantou meio grogue lá, se levantou meio grogue, aí eu pensei, não vou atacar um cara no chão também, né?! Aí pararam a luta lá, aí disse que também era lutador, mas que no próximo final de semana ia ter uma luta minha e dele. Veio um cara de fora, em uma outra ocasião, desafiando todo mundo, ninguém quis enfrentar ele, aí os caras vem cobrar para mim, foram na minha casa, levaram um cara na minha casa... e naquela época assim, a gente aceitava tudo, é o orgulho né, ia lá e dava seu máximo. Foram experiências que a gente adquiriu, se autoconhecer, saber que em determinadas circunstâncias... saber do seu potencial, no seu limite. Mas eu digo assim, a traiçagem que tem das pessoas que... foi um dos motivos que eu me desinteressei um pouco...

G.L. – Mas assim, você se destacava nas competições da academia, na hora do kumitê?

F.G. – Eu procurava dar o meu máximo né, o medo é uma energia, uma energia que Deus dotou o ser humano, que é como fogo. Essa energia você, quando você está com medo, você consegue canalizar ela positivamente, você consegue fazer coisas surpreendentes. Agora se você deixa o medo dominar, é como um fogo. O fogo, se você domina, produz a química, as transformações do mundo, agora se você não domínio fogo ele vai incendiar a sua carne. Então a energia é isso, o cara com medo, veja ele correndo que ele pula um muro dessa altura aqui. Se ele usa aquilo ali, canaliza para enfrentar alguma coisa, ele conseguir enfrentar qualquer adversário ponto final então eu digo assim, faltava isso, os professores saberem trabalhar esse aspecto psicológico dos alunos. Não tenho vergonha de ter medo não, medo é bom, medo é positivo, mas medo não é covardia, medo é uma reação, seu corpo te preparou para uma situação. Então aí, você precisa saber que você está a mil. Não querendo cobrar muito dos professores, porque eles deixaram um legado muito importante, para mim foi excepcional ter iniciado esse movimento. Eu fico pensando como seria minha personalidade sem eu ter tido passado as experiências que eu passei e ter praticado arte marcial. Eu recomendo arte marcial, desde que ela seja bem orientada. Porque se ela for mal orientada, vai te tornar um brigador de rua, não é para formar um brigador, é para formar um lutador, continuar se você quer se profissionalizar. Qual o objetivo de você fazer luta Marcial? É

se profissionalizar? então ele vai ter que renunciar a muitas coisas da vida, alimentação... Aí se ele busca apenas o autoconhecimento, não é exatamente seguir profissionalmente, então para cada pessoa dessa tem um método de treinar. Você é um praticante de karatê e quer ir nesse segmento e você acha que kata é inútil, não tá acrescenta nada em termos de resultado em um combate real e você quer continuar nesse segmento aí, você tem que fazer, porque faz parte da cultura. O kati do kung fu também é uma luta simulada, mas demanda do adepto muita dedicação energia que vai faltar para outras coisas, para o essencial. Por isso que eu falo, é pouco o que aprender, porém muito o que aperfeiçoar. Você treinar uma centena de golpes... não, treina uma dezena de golpes, mas bem correto... aquilo que se adapta melhor a você.

G.L. – Muito obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]